



## SENSIBILIDADES SOCIAIS E HISTÓRIA DE VIDA

**Monica Pimenta Velloso\***

**Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB**

[mpveloso@uol.com.br](mailto:mpveloso@uol.com.br)

**RESUMO:** Adotando a perspectiva da História Cultural, este artigo analisa parte da trajetória intelectual de Sandra Jathay Pesavento, mostrando a importância da sensibilidade e da subjetividade como objetos de estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sandra Jathay Pesavento – História Cultural – Sensibilidade e subjetividade

**ABSTRACT:** Adopting a cultural history perspective, this article analyzes part of Sandra Jathay Pesavento's intellectual trajectory, showing the importance of sensitivity and subjectivity as objects of study.

**KEYWORDS:** Sandra Jathay Pesavento – Cultural History – Sensitivity and subjectivity

## SENSIBILIDADES SOCIAIS E HISTÓRIA DE VIDA

Na condição de historiadores nos deparamos, a todo momento, com um desafio: tornar presente uma ausência no tempo. Nos cabe alcançar a energia vital, a *energheia* segundo Carlo Ginzburg, que move pessoas, organiza idéias, dá sentido aos atos, desencadeia linguagens, materializando projetos e utopias. Nessa oficina lidamos com uma relação, quase sempre tensa, entre história e memória. Conectamos distintas temporalidades nos mantendo, porém, firmemente ancorados no presente. Sob o peso do passado caminhamos nesse “país estrangeiro”<sup>1</sup> ao mesmo tempo próximo e familiar.

Entre a memória e a história é possível um espaço.

---

\* Pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB e do CNPq.

<sup>1</sup> A imagem é de LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. Revista do programa de Pós graduação em História e do Departamento de História da PUC/São Paulo. São Paulo, n. 17, p. 63-202, 1998.

Espaço poroso habitado pela poética de um tempo construído e vivido individualmente mas revelado na tessitura do social. Essa tessitura que me interessa tocar; todos nós vivemos a variedade de experiências de lembranças.

Muitos são os tempos da memória.

Vou me reportar à uma dimensão afetiva e descontínua que tem sido, de modo geral, renegada pelas ciências humanas. Na história, tem-se privilegiado a recuperação de uma memória norteada pela idéia de progresso e, conseqüentemente, por uma duração linear do tempo.

Escolho aqui *recordar* : a etimologia da palavra *Cor* traduz a afetividade que me guia ao passado.

Ele me vem em fragmentos como imagens de um caleidoscópio cujos incessantes deslocamentos asseguram novas configurações; cristais de lembranças que vão compondo os meandros da memória. Garantia contra o esquecimento, garantia que o passado não passou podendo irromper à cada momento na recriação e atualização das experiências.

Nesse artigo me dedico a lembrar a trajetória da historiadora Sandra Pesavento, com a qual convivi e compartilhei os últimos sete anos, como membro do comitê científico do GT de História Cultural da ANPUH.

Neste aqui e agora, vou recuar a um passado muito recente, alcançando a cidade de Puebla, no México, onde estava se realizando, entre 22 e 24 de outubro de 2007, o colóquio **Espaços, palavras e sensibilidades** organizado por Rosalina Estrada (Universidade Autônoma de Puebla), Frederique Langue (EHESS) e Sandra Pesavento (UFRGS).

São através desses fios da memória **Espaços, palavras e sensibilidades** que vou conduzir as minhas recordações de Sandra Pesavento compartilhando-as na tessitura viva da história.

Escolhi trabalhar esses elos por considerar que revelam uma identidade com a sua atuação profissional e sua própria maneira de ser e de estar no mundo. Bashô, poeta dos *hai kais* japoneses, nos lembra que o próprio tempo é um viajante sem repouso, vendo passar as estações e os dias. O caminhar impenitente faz da estrada seu abrigo mesmo se a morte as vezes o encontra sobre o caminho.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Cf. BRETON, Le. **Daniel Eloge a la marche Paris**. Paris: Éditions Metailié, 2000.

Na sua trajetória de vida a historiadora foi uma caminhante construindo uma relação visceral com o espaço, ao reinventá-lo em novos percursos e vivências intelectuais, estéticas e afetivas. Compartilhou essas experiências ao fazer do *espaço* um lugar no tempo, das *palavras* acontecimentos, das *sensibilidades* vias para decifrar a história.

A cidade de Puebla, no México que escolhi como ponto de partida para falar das sensibilidades também me veio à mente por uma observação feita por Serge Gruzinski.<sup>3</sup> Constatando o avanço da história das sensibilidades entre Europa e América, observava que a nova escrita da história fora fundamental para refletir sobre impacto da experiência colonial ibérica. O entrecruzamento inusitado de patrimônios étnico-culturais, novas maneiras de perceber e de sentir, gostos e desgostos se impuseram ao mundo levando os historiadores europeus a rever conceitos e superar etnocentrismos.

Na América, o desafio de uma história das sensibilidades desafia a reformular e redimensionar o universo conceitual impondo-se um outro olhar em relação ao passado latino americano.

Viver entre a racionalidade modernizadora e a tradição das cosmogonias afro-indígenas, o anseio de ser moderno e o existir em consonância com as raízes milenares, nos levou a um clima de grande tensão. Tal duplicidade de pertencimento conferiu um lugar singular e único à nossa história. Ao privilegiar os mecanismos da absorção e da recepção culturais, a história das sensibilidades oferece um arcabouço conceitual que possibilita repensar e revitalizar a história do político, do urbano e sobretudo, das artes.

Sandra Pesavento estava atenta à importância desse diálogo.

Desde 1992 já associara-se à centros de pesquisa sobre a América Latina em Paris, participando da organização de inúmeros seminários, colóquios e projetos integrados.<sup>4</sup> Em 2000, organiza em Porto Alegre o **Primeiro Encontro de Fronteiras Culturais Brasil-Uruguai** que resultou em livro hoje esgotado.

---

<sup>3</sup> GRUZINSKI, Serge Por uma história das sensibilidades In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

<sup>4</sup> Em 1992, tornou-se pesquisadora associada do CREDAL (Centre des Recherches de L'Amérique Latine / Institute des Hautes Etudes en Amérique Latine, Paris III, Sourbone Nouvelle. Em 2004 vincula-se ao projeto **Fronteiras do Brasil no mundo Ibérico – séculos XVII-XX** (EHESS/UMR8565/ CERMA e UMR8168 MASCIPO).

A realização do Colóquio Internacional em Puebla (México) vinha reforçar essa rede de entre Brasil, América Latina e França.

Pessoas e paisagens nos acolheram com generosidade, contaminando de entusiasmo as discussões no campo da história cultural. Na conferência da abertura foi enfatizada a importância dos laços unindo as nossas histórias e culturas. Reconhecíamos como parte daquela cidade. Povoada pela arquitetura barroca espanhola e pelas culturas indígenas, Puebla impunha-se como espaço vivo de memórias que se comunicavam e se superpunham nos traços do casario, dos conventos, das torres na fisionomia das pessoas, nos seus trajes, linguagens e comportamentos. Nesta cidade nos defrontamos com um espaço que materializava, de maneira particularmente forte, sentidos de uma história comum, oferecendo-se como paisagem visual, sonora e olfativa.

Paisagens são indissociáveis dos indivíduos que as contemplam. Indo muito além do olhar, mobilizam sentidos, propondo leituras, criando significações, emoções e identidades. Só se dão a ler aos que se dispõem a decodificá-las, nos códigos estéticos e sistema de emoções que regem uma época histórica.<sup>5</sup>

O tema das paisagens está presente na obra de Sandra Pesavento como narrativa e imagem, recepção, fruição do mundo e forma de apreensão do real. Foi essa temática que nos sugeriu como proposta para a realização do V Simpósio de História Cultural, agendado para 2010.

Propondo uma abordagem inovadora, na articulação entre pensamento social brasileiro e história cultural das sensibilidades, Sandra Pesavento analisou a obra de Gilberto Freyre a partir da paisagem. Focando-a como território (*espaço*) e tradição (história) trabalhou a visão do autor sobre a invenção de uma identidade nacional brasileira através do nordeste. Articulado **Casa Grande e Senzala** (1933) e **Sobrados e mocambos** (1936) nos mostrou como Freyre estudou a constituição do mundo português, a partir do *espaço* da *casa* tomado como microcosmo da vida social e da nacionalidade: “[...] o traçado ou o plano da casa se configurava como um livro, dando a ler uma sociedade e seus valores”.<sup>6</sup>

Atenta à simbologia das palavras, a historiadora articula o termo *sobrado* (demasiado, excessivo, sobejo) à uma densidade de significados que acoplam o tempo e

<sup>5</sup> Cf. COURBIN, Alain. **L 'homme dans le paysage**. Paris: Textuel, 2001

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os andares do sobrado: de um Brasil a outro. In: \_\_\_\_\_. **Reinventar o Brasil Gilberto Freyre entre a história e a ficção**. Porto Alegre: UFRGS/EDUSP, 2006, p. 262.

o espaço. Desenvolvendo esse raciocínio, mostrou como o sociólogo-antropólogo abordou a história da transformação da paisagem rural em urbana a partir da casa. Lugar no tempo, momento no espaço,<sup>7</sup> a casa encerra uma trama de significados e de memórias. Realizando um trabalho meticuloso na recomposição das sociabilidades, Sandra Pesavento destacou o papel social do sobrado unindo distintas temporalidades no espaço, fazendo coexistir o padrão senhorial e o burguês.

Nessa paisagem manifesta-se uma sensibilidade que jaz como palimpsesto interiorizada por todos os grupos sociais: a cultura da aparência.<sup>8</sup> O “parecer” sobrepõe-se ao ser...

Chamando atenção para a potencialidade heurística da palavra *paisagem*, Alain Corbin observa a raiz comum de *país* e *paisagem* relacionando-a à identidade espacial.<sup>9</sup>

A casa como núcleo reflexivo de uma identidade nacional no pensamento de Gilberto Freyre foi tema proposto pela historiadora ao *Clíope*, grupo composto por pesquisadores brasileiros e europeus. Desde 1994, o grupo, sob a coordenação de Sandra Pesavento e de Antonio Dimas, empenhara-se em discutir as relações entre a narrativa histórica e a literária, com base na produção intelectual brasileira. Jacques Leenhardt (EHESS) e Chiara Vangelista (Universidade de Genova) que hoje compõem o GT de História cultural na ANPUH fazem parte do *Clíope*, desde a sua fundação.

Poucas pessoas, dentre as que conheci, viveram a vida com tamanha intensidade como o fez Sandra. Sempre tinha pressa. Às vezes era impaciente, cobrava de si, dos outros e do mundo. Parecia só sentir-se bem quando integrada à paisagens em movimento. Na condição de historiadora, apreciava as fronteiras móveis e porosas, exigindo o trabalho, quase sempre árduo, de construir elos entre diferentes linguagens.

Essa proposta de buscar um novo entendimento para a história, a partir do diálogo entre as distintas linguagens fora uma das questões levantadas pelos historiadores dos *Annalles* Lucien Febvre e Marc Bloch. Coube ainda à Febvre alertar para a capacidade mobilizadora das emoções, ampliando os sentidos da memória e da

---

<sup>7</sup> Id. PESAVENTO, Jatahy Sandra. Espacios, palabras, sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevo** (En línea) Coloquios, 2008. Disponível em: <<<http://nuevomundo.revue.org>.>>

<sup>8</sup> Os artigos de Sandra Pesavento sobre o pensamento de Gilberto Freyre aqui comentados são:  
Id. Os andares do sobrado: de um Brasil a outro. In: \_\_\_\_\_. **Reinventar o Brasil Gilberto Freyre entre a história e a ficção**. Porto Alegre: UFRGS/EDUSP, 2006.

Id. A paisagem social como imaginário de sentido. In: Ibid.

<sup>9</sup> COURBIN, Alain. **L'homme dans le paysage**. Paris: Textuel, 2001.

história. Postulando a historicidade dos sentidos, das emoções e dos sentimentos, a história das sensibilidades propõe-se analisar o que é chancelado ou não no seio da cultura de uma determinada sociedade.

Essas foram algumas das questões acaloraram o debate da geração universitária de meados da década de 1970, da qual fazia parte Sandra Pesavento. A denominada nova história despontava no Brasil, sugerindo novas formas novos objetos e abordagens. Logo no início da década de 1990, Sandra Pesavento emigrava da história econômica para a história cultural.

Foi um desafio em uma época ainda fortemente marcada pela historiografia marxista.

Discutia-se intensamente sobre a necessidade de repensar e reconceituar o social. Não se aceitava mais pensá-lo como bloco homogêneo integrado ao domínio da macro história. Desde o momento em que a famosa *démarche* “texto-contexto” tornara-se criticável, também a visão da economia como epifenômeno e instância organizadora do social fora posta em questão. A visão de um contexto homogêneo e unificado em função do qual os atores determinariam as suas ações e escolhas tornava-se inoperante. Ocorria uma mudança de perspectiva; deslocava-se o foco dos grupos sociais para as práticas específicas que os produziam.

O livro de Michel Certeau **Invention du quotidien** (1980) concretizaria uma mudança de *démarche*. Interessavam os pertencimentos geracionais, sexuais, religiosos e étnicos.

Junto à mudança do paradigma historiográfico colocou-se a questão da interdisciplinaridade.<sup>10</sup>

Na conversa com amigos ou nas palestras que fez em todo o Brasil e no exterior, Sandra Pesavento defendia, com habitual veemência, a sua escolha intelectual. Argumentava que a metodologia rígida da história econômica dificultava pensar a complexidade dos acontecimentos. O curso da vida era ambíguo e bem mais dinâmico e a história cultural mostrava-se receptiva à indagações.

---

<sup>10</sup> Cf. REVEL, Jacques. Histoire et sciences sociales: lês paradimes des *Annales*. In: \_\_\_\_\_. **Un parcours critique, douze exercices d’histoire sociale**. Paris: Gaalade Editions, 2006.

KALIFA, Dominique. L’histoire culturelle contre l’histoire sociale. In: \_\_\_\_\_. **Histoire culturelle au contemporain**. Paris: Nouveau Monde Editions, 2005.



Na realidade, o instigante não era o surgimento de conceitos novos mas a possibilidade de incorporar e descobrir outras camadas de sentido para pensar os acontecimentos. Retomando alguns conceitos clássicos das ciências sociais sobretudo os de Nobeit Elias, Weber, Mauss e Halbwachs, a história cultural conferia papel de fundamental importância ao conceito de representação percebendo-o como chave interpretativa. A idéia de construir um novo olhar sobre a história mesmo que abrindo campo para indagações, dúvidas e incertezas mobilizava atenções.

Sandra Pesavento dedicou-se à essa tarefa unindo à ação do esforço ao entusiasmo. *Enthousiamós* do grego significa dedicação, inspiração e exaltação criadora. Pessoas entusiasmadas dispõem de grande força interior e capacidade de liderança. Sandra conseguiu agregar pessoas, construindo uma rede de pesquisadores que começou no Rio Grande do Sul passando por Tocantins alcançando o Pará para chegar à América latina e Europa.<sup>11</sup>

O campo da história das sensibilidades foi, sem dúvida, uma de suas conquistas no Brasil.

Com quatro pós doutoramentos em História realizados em Paris (dois na EHESS, um na *Paris IV*, outro na *Paris VII Université Denis Diderot*) Sandra Pesavento conviveu, dialogou e participou do processo de construção de uma história cultural das sensibilidades. Em 2001, tornou-se membro do grupo de pesquisa **Histoire des sensibilités** em Paris<sup>12</sup> (Cerma/EHESS) organizando, com Frederique Langue, vários encontros de História das sensibilidades, unindo pesquisadores da América Latina, Brasil e Estados Unidos. Publicou vários livros reunindo trabalhos oriundos desses encontros.<sup>13</sup>

**Sensibilidades e sociabilidades** foi o tema do **V Simpósio de História Cultural** realizado em Goiânia, outubro de 2008. Talvez o evento tenha sido um dos motivos da sobrevivência de Sandra Pesavento. Sua presença naquela ocasião me remete

---

<sup>11</sup> Vale mencionar os livros:

PESAVENTO, Sandra; WEBER, Nadia. (Org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais** – percursos em História Cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. (Org.). **Historia e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

<sup>12</sup> **Histoire des sensibilités** (CERMA/EHESS: Centre des Recherches sur les mondes américains).

<sup>13</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy, LANGUE, Frederique. **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

mais uma vez, à imagem do caminhante, evocada pelo historiador David lê Breton. Define-se a caminhada como uma atividade essencialmente antropológica, na medida em que o caminhante se move pelo desafio de compreender o seu lugar na tessitura do mundo, interrogando sobre o fundamento do vínculo com os outros.<sup>14</sup> A busca de outro tempo e de um outro no tempo é uma das questões centrais da história das sensibilidades.<sup>15</sup>

A historiadora dispunha-se ao exercício dessa errância.

Deslocava-se no acontecido histórico (e o fazia com muito humor e presença, principalmente quando falava ) explorando outras dimensões da temporalidade. Talvez essa percepção da história estivesse tão interiorizada a ponto de experimentá-la na própria vida. Analisando o sentido do deslocamento na obra dos viajantes franceses o século XVII sintetizara:

[...] a viagem é única, por que é uma experiência individual e um caminho iniciático, mas também é social por que na volta se processa uma atividade de contar o visto e o vivido para um público não participante da viagem.<sup>16</sup>

Em **Visita ao outro lado da vida**, entrevista ao Jornal Zero Hora de Porto Alegre (10/01/2009), Sandra iria reconstituir e compartilhar um tempo duramente vivido no hospital, transformando-o em narrativa. Enquanto os médicos cuidavam do seu corpo, nos conta, o imaginário se encarregou de produzir aventuras oníricas que lhe permitiriam atravessar o tempo difícil da doença.

Cabe ressaltar que uma das questões a que mais se dedicou a historiadora nos seus últimos trabalhos foi o lugar das sensibilidades no campo das ciências humanas e da história. Retomando de Lucien Febvre a ênfase no caráter social das emoções, empenhou-se nessa discussão de ordem teórico metodológica. Ao historiador cabe não só buscar a tradução externa das sensibilidades, materializadas nas fontes, mas entendê-la sob o signo da alteridade no tempo.

É essa percepção que possibilita uma reconfiguração do passado.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> Cf. BRETON, Le. **Daniel Eloge a la marche Paris**. Paris: Éditions Metailié, 2000, p 62-63.

<sup>15</sup> CORBIN, Alain. **Historien du sensible**. Paris: La Découverte, 2000.

<sup>16</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens do Brasil no século XIX: paisagens e panoramas*. In: LEENHARDT, Jacques (Org.). **A construção francesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 79-158.

<sup>17</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades no tempo, tempo de sensibilidades*. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos: I Journée d'Histoire des sensibilités**, EHESS, 04/03/2004.



Integrar a experiência dos sentidos à da razão, entender que ambas compõem formas distintas de conhecimento do passado esboçando não necessariamente novas formas de pensar mas *insights* e intuições de pensamento são idéias que traduzem uma perspectiva inovadora no panorama da história.

Neste sentido, Paul Ricoeur nos lembra a importância heurística da linguagem poética ao possibilitar uma referência não descritiva do mundo passando a verdade a ser norteada pelo enraizamento e pertencimento das subjetividades.<sup>18</sup>

A alteridade é fundamental na construção do conhecimento histórico.

Um dos textos de Sandra Pesavento que mais gosto pela maestria e simplicidade com que opera as fontes e conceitos é a análise sobre um álbum de família do início do 1900, interior do Rio Grande do sul. Não se trata da história de uma família mas da sua própria história.<sup>19</sup> A historiadora trabalhou na tênue fronteira que separa a história das histórias marcando o caráter retrospectivo e subjetivo da memória em relação aos objetos de lembranças. Transitando da cena pública às emoções do *eu sensível*, da província à capital, do saber técnico-científico ao conhecimento sensível, ela nos mostra – através do olhar de um indivíduo na câmera – o olhar redimensionador da memória.

Debruçando-se sobre cada foto, examinou fisionomias, vestes, expressões. Percebeu a posição que as pessoas ocupavam nos espaços e como os seus corpos se relacionavam com eles. No sobrado, na maneira como a arquitetura se inseria na paisagem urbana, leu a posição de distinção da família. A presença de um velho ex-escravo no álbum atestava a intenção da família de ser lembrada pelas suas virtudes humanitárias. Na gestualidade e expressões em flagrante como a matriarca servindo chá às amigas e o olhar arregalado da criança surpreendida diante da câmara, destacou seqüências da vida e dos afetos traduzindo sociabilidades cotidianas.

Se imagens visuais possibilitam à memória fazer-se história, as *palavras* conferem sentido ao tempo, fazendo-se acontecimento.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e Memória do passado. **Projeto História**. São Paulo, n 17, p. 213-221, nov. de 1998.

<sup>19</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagem, memória, sensibilidades: territórios do historiador. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Hucitec, 2008.

<sup>20</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Espacios, palabras y sensibilidades. **Nuevo Mundo Nuevos Mundos**. Colôquios, 2008. Disponible em: << <http://nuevomundo.revues.org/index15092.html>>>.

Palavras não se reduzem ao domínio do letramento estando presentes nas vozes e escutas.<sup>21</sup> Lugares de palavras não são apenas os impressos mas também as ruas da cidade com suas formas de contar, ditos e malditos boatos e insultos que asseguram a circulação e recriação dos acontecimentos.

Sabemos das dificuldades em fazer uma história das subjetividades das camadas populares. Pobres são estudados quase sempre coletivamente; importam mais as suas ações, comportamentos e práticas do que os seus pensamentos e sentimentos. Registros de suas vidas nos chegam através dos arquivos judiciais e filantrópicos.<sup>22</sup>

Considero que a historiadora Sandra Pesavento conseguiu encontrar saídas bastante criativas para esses impasses teórico metodológicos, registrando-as em uma das suas publicações mais recentes **Os sete pecados da capital**.<sup>23</sup> Trazendo à tona histórias de mulheres anônimas, ligadas às camadas populares, em uma provinciana Porto Alegre, *fin de siècle*, ela nos remete não só ao mundo da contestação e da contravenção trilhado por essas mulheres. Busca antes decifrar as razões e sentimentos, dramas de vida e estratégias de sobrevivência dessas mulheres frente à uma sociedade francamente hostil.

Enfatizando a percepção do outro no tempo, a história das sensibilidades alerta para a dimensão dos conflitos, incoerências e ambiguidades Cabe ao historiador perceber não apenas as lógicas de sentido forjadas pelos indivíduos em suas vidas mas também as discontinuidades, lacunas e silêncios. Afeito ao trabalho de organizar acontecimentos para melhor compreendê-los, o historiador frequentemente arrisca perder as “incoerências construtivas”, tentando estabelecer coerências que o passado muitas vezes não dispõe.

Na história das sensibilidades lida-se com a alquimia das opiniões, desejos do futuro e utopias do passado. São vidas povoadas de ruídos e tumultos mas muitas vezes é nos murmúrios que se deve ater a atenção pois lá também se esboçam as intuições de um tempo e traços do que está por vir.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> ZUNTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

<sup>22</sup> Sobre o tema, consultar as obras de:

FARGE, Arlette. **Lê gout de l'archive éditions du Seuil**. Paris: Les Prairies Ordinaires, 1989.

Id. **Quel bruit ferrons nous?** Paris: Les Prairies Ordinaires, 2005.

<sup>23</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

<sup>24</sup> Uma discussão sobre o tema pode ser encontrada em:

Conversar, interrogar e explorar a potencialidade das fontes requer perícia, erudição, espírito crítico e sensibilidade. Sandra Pesavento dominava bem esse ofício. Recorrendo aos mais distintos registros da memória urbana, buscou entender as sintonias entre as sensibilidades singulares e a cidade de Porto Alegre. Tolhidos pelas pressões e convenções sociais, sentimentos e sociabilidades entre os indivíduos podem manifestar-se quando dramatizados pela força das emoções.

São vários os caminhos descortinados pelos Os sete pecados da capital mas considerando as linhas propostas **Espaços, palavras e sensibilidades** vou me ater à questão das palavras.

Vale observar o empenho analítico que a história cultural vem dispensando ao domínio das palavras. “Linguagem em ato”, elas resumem comportamentos e testemunham práticas levando os indivíduos a interagirem. Uma das principais funções do historiador é a de argumentar e reconstruir os sistemas de relação do passado através das representações da comunidade que estuda articulando-a com o seu próprio sistema de valores.<sup>25</sup> Palavras podem funcionar como índices de valores e percepções.

Bilhetes amorosos, notícias de jornais, documentos do período e um romance que tornou-se *best seller* na época são as fontes trabalhadas em **Morrer de amor**.<sup>26</sup>

Como palavras de uma história de amor mal sucedida (o rapaz pertencente às elites, a moça pobre e prostituta) podem oferecer elementos para a discussão dos limites entre a narrativa ficcional e a histórica?

A pesquisadora nos situa em um contexto em que a arte imita a vida ou essa imita aquela, o ficcional se faz plausível e o artifício verdade.

Palavras se transformam em acontecimentos quando introduzem uma ruptura no tempo, criando-se uma temporalidade limiar de um antes e um depois do acontecido.<sup>27</sup> Trabalhando com esse foco, Sandra Pesavento analisou o impacto do suicídio sobre a cidade originando um fluxo intenso de palavras que se transformavam

---

FARGE, Arlette. **Quel bruit ferrons nous?** Paris: Les Prairies Ordinaires, 2005, p. 208-220.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

<sup>25</sup> FARGE, Arlette. Paroles captées. In: \_\_\_\_\_. **Le Goût des archives**. Paris: Éditions du Seuil, 1989. p 97-136.

<sup>26</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Morrer de amor: Neco, Chiquinha e a estrhycnina**. In: \_\_\_\_\_. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

<sup>27</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Rumoreando com Arlette Farge (entrevista à Frederique Langue). In: \_\_\_\_\_. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 253-262.

em verdadeiras narrativas folhetinescas. Nestas já não era possível se distinguir os limites do acontecido e do imaginado. No vasto campo da recepção palavras de um bilhete amoroso revelam sensibilidades de uma época, flagrada em um momento em que os poderes da ficção pareciam dominar a vida.

Muitos são os tempos da memória. Muitas, as construções da história.

Matéria e energia viva, a história habita a correnteza do tempo demandando aos que a ela se dedicam presteza, agilidade, rigor e delicadeza para tomar pulso do presente. Saber acolher no coração as necessidades e intuições do seu tempo é ofício do historiador.

A trajetória profissional e a história de vida de Sandra Pesavento são testemunho vivo dessas idéias.

Entre a história e a memória é possível um espaço a ser ressignificado pela poética. Certamente a historiadora faria suas as palavras de um dos seus conterrâneos mais caros:

“-Eles passarão, eu passarinho”.

